

A(s) pronúncia(s) do R final em canções do início do século XX (1902-1920)

Karilene da Silva Xavier (UFRJ - PIBIC)
Departamento de Letras Vernáculas
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil
karilened@gmail.com

Resumo — Esta pesquisa focaliza as múltiplas realizações do rótico, em posição de coda final, usando dados extraídos de canções gravadas entre 1902 e 1920. A análise faz uso da sociolinguística quantitativa (Labov 1994) e da teoria da hierarquia prosódica (Selkirk 1994; Nespór & Vogel 1986/ 2007) e objetiva comprovar a hipótese de que, além de fatores sociais e linguísticos, a estrutura prosódica também desempenha um papel relevante nesse processo de variação.

Palavras-chave: róticos, sociolinguística, estrutura prosódica, canções, século XX.

Abstract — This research focuses on the multiple realizations of rothics, in final coda position, using data extracted from songs recorded between 1902 and 1920. The analysis makes use of sociolinguistic methodology (Labov 1994) and the theory of prosodic hierarchy (Selkirk 1994; Nespór & Vogel 1986/ 2007) and aims to comprove the hypothesis that, besides social and linguistics factors, the prosodic structure also plays a relevant role in this variation process.

Keywords-component: rothics; sociolinguistics; prosodic structure; songs; twentieth century.

I. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa focaliza a realização variável do rótico, em posição de coda silábica final, fenômeno bastante estudado no Português do Brasil (Callou 1987; Callou *et alii* 1996, 2002; Hora & Monaretto 2003; Leite 2010; Callou & Serra 2012; Serra & Callou 2013, entre outros). Todavia, trazemos uma nova abordagem desse fenômeno, tanto do ponto de vista do aparato teórico-metodológico a ser utilizado quanto do ponto de vista do *corpus* a partir do qual se desenvolverá a análise.

Embora exista um número considerável de trabalhos realizados sobre o comportamento do rótico, destacamos a relevância da nossa proposta, uma vez que tais estudos tomam como base *corpora* gravados, sobretudo, a partir da década de 70, quando o processo de diferenciação do rótico já se encontrava em franca atuação. Assim, investigando o comportamento desse segmento a partir de 1902, poderemos capturar o início do processo que levou a mudança sonora: passagem de vibrante [+anterior] para fricativa [+posterior], e enfim, o apagamento do segmento.

Esse recuo no tempo nos impele a lançar mão de dados oriundos da discografia musical para a recuperação das possíveis pronúncias do rótico entre 1902 e 1920, pois esse era

o meio exclusivo de registro de voz na época, e, então, confrontá-las com o comportamento do rótico na fala espontânea já descrito.

II. O RÓTICO NA MÚSICA

No que se refere à realização do rótico, de acordo com o que se lê na literatura, havia, no início do século XX, uma grande predominância de realização da vibrante ápico-alveolar múltipla pelos intérpretes da música brasileira, como relatam os Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada.

Esse congresso, que ocorreu em 1937, teve o propósito de reformular as normas de pronúncias de intérpretes da época e também de adotar um padrão para a língua falada do povo. Apesar da pressão pela pronúncia considerada padrão no canto, havia também realizações do rótico em que o intérprete se distanciava da forma padronizada e, assim, realizava o segmento como fricativa ou até suprimia-o totalmente.

III. OBJETIVOS

Os objetivos a serem alcançados nesta pesquisa são:

- Fazer a análise de dados do início do século, a fim de fornecer mais evidências também sobre a língua falada dessa época;
- Capturar o processo (não) gradual de variação do R em coda final, a fim de verificar a atuação da regra de posteriorização aliada à passagem de vibrante à fricativa, chegando progressivamente ao zero fonético;
- Verificar se esse processo gradual se apresenta de forma diferenciada a depender da origem dos intérpretes, tal como acontece na fala espontânea;
- Determinar os fatores linguísticos e sociais que desempenham um papel relevante para a variabilidade do rótico, de acordo com o método de análise da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov 1994);
- Testar a relevância dos níveis da estrutura prosódica (Selkirk 1984; Nespór & Vogel 1986/ 2007) no processo de diferenciação do rótico, verificando o papel da fronteira de constituintes prosódicos para a (não) manutenção da realização vibrante [+anterior];
- Apresentar, por fim, uma contribuição significativa para os estudos sociolinguísticos e prosódicos, preenchendo uma lacuna temporal, já que trabalhos

realizados sobre a diferenciação do rótico investigam o final do processo de mudança em vários dialetos brasileiros.

IV. O CORPUS

As canções que constituem o *corpus* recobrem as primeiras duas décadas de tradição da música brasileira. O registro sonoro dessas canções é disponibilizado pelo acervo do Instituto Moreira Salles, com o intuito de preservar a memória musical brasileira. Essas gravações possuem valor histórico e cultural incalculáveis, pois constituem uma fonte de pesquisa sobre o comportamento linguístico de nove intérpretes (sete homens e duas mulheres) de três regiões (Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul) do país, numa época em que o registro de voz praticamente se restringia às gravações musicais.

V. O APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Como em propostas anteriores (Bisol 2002; Callou & Serra 2012; Serra & Callou 2013), esta pesquisa combinará o aparato teórico-metodológico clássico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov 1994) com a análise mais inovadora à luz da teoria da hierarquia prosódica (Selkirk 1984; Nespov & Vogel 1986). Assim, pretendemos testar a hipótese de que, além de fatores linguísticos e sociais, a estrutura prosódica também desempenhe um papel relevante no processo de diferenciação do rótico a depender do contexto onde se encontra a coda silábica final relativamente à fronteira dos constituintes prosódicos.

A. Sociolinguística quantitativa laboviana

Para a análise e interpretação dos dados será utilizado, primeiramente, o método de análise da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov 1994), que visa a sistematizar o comportamento da língua em uso dentro de uma comunidade de fala sob influência de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Em uma análise assistemática do *corpus*, percebe-se que há outras realizações dos sons de *R* (co) ocorrendo com a variante de prestígio, a vibrante ápico-alveolar múltipla, nas canções das primeiras décadas do século XX. Dessa forma, pretendemos averiguar variáveis linguísticas (classe morfológica, dimensão do vocábulo e contexto subsequente) e variáveis extralinguísticas (gênero e origem geográfica dos intérpretes e temática musical) que teriam atuado no processo de mudança no ponto de articulação, de vibrante anterior para vibrante posterior e, no modo de articulação, passando de vibrante à fricativa e, enfim, chegando ao zero fonético.

B. Teoria da hierarquia prosódica

A segunda etapa da análise será baseada na proposta teórica de Selkirk (1984) e de Nespov & Vogel (1986/2007) sobre a existência de constituintes prosódicos nos quais a fala pode ser segmentada. Essas autoras afirmam que os constituintes prosódicos são organizados fonologicamente em uma hierarquia estabelecida por relações de proeminência em cada nível da estrutura prosódica, ou seja, um domínio mais alto dominando o que se encontra imediatamente abaixo.

Para explicar esse fenômeno, serão levados em conta

três dos constituintes prosódicos, a palavra prosódica, o sintagma fonológico e o sintagma entoacional, dada a importância desses constituintes para a atuação de processos tanto segmentais quanto prosódicos no Português Brasileiro. Para a revisão da relevância das três fronteiras prosódicas na aplicação ou bloqueio de processos fonológicos no Português Brasileiro, ver o trabalho de Callou & Serra (2012).

Um verso de uma das canções do *corpus* piloto servirá de exemplo para ilustrar como ocorre a segmentação prosódica na fala, neste caso, na fala cantada. No exemplo 1 abaixo, o símbolo 'w' representa a palavra fonológica, o símbolo 'PhP', o sintagma fonológico e o símbolo 'I', o sintagma entoacional.

1- (Deus)w]PhP)I, (que viver)w]PhP)I, ([que prazer)w]PhP [nesta]w vida)w]PhP [que eu]w]PhP [teço]w sem dor)w]PhP)I (Verso da canção "Os boêmios" gravada por Mário Pinheiro entre 1902 e 1905).

Assim, em relação à estrutura prosódica, supomos que os níveis mais altos (sintagmas fonológico e entoacional) condicionariam a manutenção do rótico, e o nível mais baixo (palavra prosódica) favorecia seu apagamento.

C. Metodologia

A recolha dos dados compreendeu cinco etapas principais: 1) com uso de biografias dos artistas desse período, selecionar intérpretes naturais das três regiões; 2) obter dos acervos as gravações musicais digitalizadas dos intérpretes selecionados; 3) transcrever e analisar foneticamente as ocorrências do rótico em posição de coda silábica final; 4) fazer uma análise segundo o modelo da sociolinguística quantitativa a fim de verificar os condicionamentos linguísticos e sociais nos dados; 5) e segmentar a fala cantada em constituintes prosódicos para analisar os dados à luz da teoria da hierarquia prosódica.

VI. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que obtivemos a partir de intérpretes do Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul serão discutidos separadamente, pois será levada em conta, neste primeiro momento, a relevância da variante regional para que possamos fazer uma breve comparação entre eles.

Desse modo, até o presente momento da pesquisa, temos um total de 719 dados a partir de 38 canções gravadas por intérpretes naturais do Rio de Janeiro. Assim, a distribuição geral do rótico em coda final mostra que 1) ocorreu predominantemente, em 94% dos dados, a realização da vibrante ápico-alveolar (múltipla ou simples), que era considerada a forma padrão para a linguagem dos meios de comunicação; 2) desses 94%, a realização do rótico como vibrante ápico-alveolar simples ocorreu em grande maioria (76%), mostrando que, nas primeiras décadas do século xx, já estaria ocorrendo um processo de enfraquecimento da realização do segmento em questão, passando de vibrante ápico-alveolar múltipla (que ocorreu em 18% dos dados), à vibrante simples; 3) cabe ressaltar que já ocorriam realizações mais posteriores do rótico – a fricativa [+posterior] se realizou em 2% dos dados –, o que indicaria o início do processo de posteriorização do modo de articulação, de vibrante à fricativa; 4) e foi verificada a supressão total do segmento em 4%.

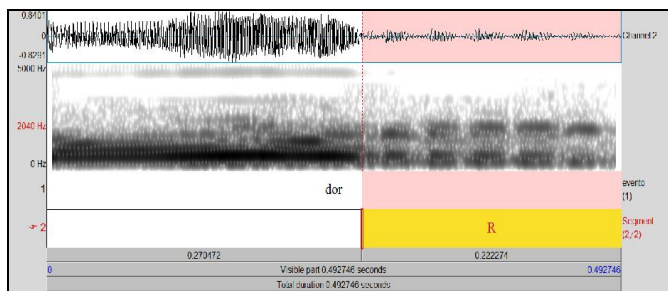


Figura 1. Exemplo de vibrante áptico-alveolar múltipla na música.

A palavra "dor" acima é um dado do *corpus* e ilustra a análise acústica de uma dessas realizações do rótico. Como mostra a Figura 1, o rótico, em contexto de coda silábica final, foi realizado como uma vibrante áptico-alveolar múltipla, [r], a variante de prestígio na música, isto é, aquela que deveria ser pronunciada pelos intérpretes, como relatam os Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada. Para a realização da análise acústica das produções do R, utilizamos o programa computacional Praat 4.3. Na área selecionada do espectrograma, é possível observarmos pequenas vibrações ressaltantes das oclusões ocasionadas por repetidos toques da ponta da língua em direção à região alveolar. Como foram muitas as pronúncias do rótico, não será possível mostrar um espectrograma para cada uma. Todavia, essas pronúncias que se distanciavam da forma padrão do canto da época serão discutidas com mais detalhes a seguir.

Em relação ao apagamento do segmento, esse fenômeno já foi verificado no ano de 1909 no canto do intérprete Eduardo das Neves. No exemplo 2, é mostrado o cancelamento do rótico que ocorreu na palavra "rolar":

2- *Cantar, rola[0] na colina.* ("Ano Novo" por Eduardo das Neves - 1909).

No que se refere aos fatores extralinguísticos, esse processo ocorreu somente na fala cantada de intérpretes homens e esteve praticamente restrito à temática sertaneja por estar associada à linguagem popular. Todavia, no início do século XX, o percentual de apagamento ainda é baixo, ocorrendo em apenas 4% dos dados, porém levaremos em conta alguns condicionamentos nesse fenômeno.

Em relação aos condicionamentos linguísticos, o apagamento ocorreu em 4% dos verbos, que estão, em sua grande maioria, no infinitivo impessoal, e em 1% dos não-verbos, confirmando a tendência de maior possibilidade de apagamento nessa classe gramatical como em trabalhos anteriores (Serra & Callou 2012, Callou *et alii* 1996). E esse processo é mais frequente em vocábulos de três ou mais sílabas como mostra o exemplo 3 abaixo.

3- *Como ponho em desafio o cantado[0] logo no chão.* ("Cabocla de Caxangá" por Eduardo das Neves - 1912).

Cabe ressaltar que o apagamento do segmento ocorreu em maior frequência quando o contexto subsequente ao rótico é o de pausa, ou seja, em fronteira final de sintagma entoacional (IP, doravante). Assim, com os resultados desses dados, não foi confirmada, para a fala cantada, a tendência recentemente verificada para a fala espontânea de preservação do segmento nesse contexto, o que iremos investigar com mais atenção nas próximas etapas da pesquisa.

Embora ainda não tenhamos uma análise da realização do rótico como fricativa [+posterior] sob influência de fatores linguísticos, temos uma análise breve da influência dos fatores extralinguísticos nesse tipo de realização. A fricativa [+posterior] ocorreu com mais frequência na fala cantada dos homens (79%) do que na fala das mulheres (21%). Além disso, não esteve restrita à temática sertaneja, como nos casos de apagamento, pois ocorreu de modo proporcional em canções com as temáticas de amor, humor e crítica. Como mostra o exemplo 4, em que há uma realização fricativa do rótico numa canção com temática de crítica social:

4- *Tens um pé tão grande que és capaz de pisa[h].* ("O pé de anjo" por Francisco Alves - 1917).

Esses foram os resultados preliminares com base em um *corpus* piloto, pois ainda será necessário obter um maior número de dados para, assim, quantificá-los com o auxílio de programas estatísticos. Com a análise estatística, teremos pesos relativos e relevância dos fatores condicionantes.

A distribuição geral do rótico em posição de coda silábica final a partir de canções gravadas por dois intérpretes naturais da Bahia foi a seguinte: 1) num total de 102 dados a partir de oito canções, a realização do rótico como vibrante simples (tepe) ocorreu na maioria dos dados, 53%; 2) já a variante de prestígio, a vibrante áptico-alveolar múltipla, ocorreu em 5% apenas, uma porcentagem muito inferior aos resultados dos dados do Rio de Janeiro; 3) ao contrário, houve um aumento das realizações com o modo fricativo [+posterior] do rótico, ocorrendo em 6% dos dados; 4) o mesmo pudemos observar sobre o processo de apagamento do segmento, que ocorreu em maior porcentagem, 31% e 5) houve também uma variante que não havia aparecido na fala cantada dos intérpretes cariocas, a chamada vibrante retroflexa, que ocorreu em 5% dos dados.

Podemos afirmar que essa última realização do rótico não é uma vibrante retroflexa prototípica. Não é possível saber se o intérprete realmente curva a ponta da língua em direção ao palato duro. Nesse e em outros exemplos, o intérprete imita proposadamente o falar caipira do interior, pois as canções têm uma temática sertaneja.

Já com os dados de dois intérpretes do Rio Grande Sul, a distribuição total do rótico em posição de coda silábica final foi mais simples em comparação às anteriores. A partir de 52 dados de seis canções, tivemos o seguinte resultado: 1) ocorreu predominantemente a vibrante áptico-alveolar simples (80% dos dados) e 2) ocorreu em 20% a variante de prestígio na música. Desse modo, não houve realizações mais posteriores do segmento, nomeadamente, fricativa velar e glotal, nem a supressão total do segmento em questão. Todavia, os resultados mostram que, nas primeiras décadas do século passado, já estaria ocorrendo um processo de enfraquecimento consonantal, de vibrante áptico-alveolar múltipla à simples.

Por fim, um resumo dos resultados do comportamento do rótico a partir da soma total das múltiplas realizações do rótico pelos intérpretes das três regiões investigadas será apresentado na Tabela A. Percebe-se que a variante de prestígio na música, a vibrante áptico-alveolar múltipla, não ocorreu em maioria como esperado (17% dos dados), porém a vibrante áptico-

Realizações do R	Distribuição total do R
Vibrante múltipla áptico-alveolar	17%
Tepe	73%
Fricativa [+post]	2,5%
Zero fonético	7%
Vibrante retroflexa	0,5%

a. Distribuição total das realizações do R em coda silábica final

alveolar simples ocorreu em 73%. Ainda não investigamos o motivo para tal realização, porém o alongamento exacerbado da vogal - núcleo da sílaba onde se encontra o rótico - pode desempenhar um papel relevante nesse processo de enfraquecimento. Cabe ressaltar que não foi verificada ainda a vibrante uvular, aquela com o ponto de articulação mais posterior, porém a fricativa [+posterior] já aparece como umas das pronúncias do rótico nesse período. Finalmente, havia um percentual considerável de apagamento naquela época (7%), porém não há um número de dados suficiente para fazermos uma análise estatística ainda.

Como havia poucas gravações disponibilizadas nos acervos, ainda não temos um quadro robusto de fala cantada por intérpretes da Bahia e do Rio Grande do Sul para levarmos em conta o condicionamento de todos os fatores linguísticos e extralinguísticos na pronúncia do R. Ainda analisaremos um número maior de canções gravadas a fim de aumentarmos a quantidade de dados e capturarmos (ou não) as realizações possíveis do rótico ainda não encontradas nessas regiões.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo a fala cantada não sendo reflexo direto da fala espontânea, ainda mais em tempos em que a música gozava de tanta importância social, pelo seu caráter inovador de difusão e permanência, acreditamos ser possível abstrair tendências de pronúncia do rótico, principalmente, as consideradas mais padrão e, então, compará-las com os resultados do comportamento do segmento já descrito. Nossos resultados preliminares, a partir de dados da fala cantada, revelam comportamentos interessantes que vão ao encontro da tendência atual da distribuição do rótico em coda final na fala espontânea nessas três regiões estudadas.

No que se refere ao apagamento do rótico, Serra & Callou (2013), a partir de dados das décadas de 70 e 90, destacam a escalaridade regional do fenômeno: “Salvador (SSA) -- que realiza preferencialmente o R como uma fricativa laríngea (aspiração) -- estaria em um dos extremos, com índices significativos de apagamento. Rio de Janeiro (RJ) -- cuja norma de pronúncia é a fricativa posterior (velar, de preferência) -- estaria numa posição intermediária. Porto Alegre (POA) -- que mantém a realização anterior da vibrante -- estaria no outro extremo, apresentando uma frequência mais baixa de cancelamento, restrita praticamente a verbos”.

Também, de acordo com nossos resultados, são os intérpretes da Bahia que mais cancelam o rótico em posição de

coda silábica final (31%), sendo pequeno o índice de apagamento na fala cantada dos cariocas (4%) e nulo na fala cantada dos intérpretes do Rio Grande do Sul, entre 1902 e 1920. A partir dessa breve comparação entre os dados da fala cantada e da fala espontânea, poderíamos chamar a atenção para o fato de que a realização do rótico como vibrante, fricativa e até a sua supressão total por falantes dessas três regiões nas décadas de 70 e 90 já poderia estar sendo apontada no início do século XX na fala cantada. Por fim, no que se refere à hipótese prosódica, não foi confirmada, para a fala cantada, a tendência recentemente verificada para a fala espontânea de preservação do R em fronteira final de IP nos trabalhos a partir de dados das décadas de 70 e 90. Embora nossos dados de apagamento ainda sejam escassos, a tendência é justamente a de queda do R nesse contexto.

VIII. PRÓXIMOS PASSOS

A fim de termos um quadro maior de dados, pretendemos: 1) estender o período de análise até 1940; 2) estabelecer relações com os resultados encontrados em pesquisas recentes sobre o comportamento do rótico nas décadas de 1970, 1990 e, mais atualmente, nos anos 2010; 3) verificar o papel do alongamento silábico pré-fronteira, e, nesse caso, o possível favorecimento da realização do tepe e da queda do segmento; 4) e, por fim, acrescentar variáveis extralinguísticas como gênero musical e idade dos intérpretes no método de análise da sociolinguística variacionista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- "Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada". São Paulo: Departamento de Cultura. 1938.
- C. Serra & D. Callou, "A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades". *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL, 2013, pp. 585-594.
- D. Callou, "Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro". Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987.
- D. Callou; Y. Leite & J. Moraes, Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: "Gramática do Português Falado". vol. VI, I. Koch, (ed.), p. 465-493. Campinas: UNICAMP. 1996.
- D. Callou; Y. Leite & J. Moraes, Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: M. Abaurre & A. Rodrigues (orgs.) "Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos". Campinas, Unicamp/ Fapersp: p. 537- 555. 2002.
- D. Callou & C. Serra, "Variação do rótico e estrutura prosódica". *Revista do GELNE*, vol. 14, no Especial, 41-58. 2012.
- D. Hora & V. Monaretto 2003. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: D. Hora & G. Collischonn (orgs.). "Teoria Linguística: fonologia e outros temas". João Pessoa: Editora Universitária, p. 114-143.
- E. Selkirk, "Phonology and syntax: the relation between sound and structure". Cambridge: M.I.T. Press. 1984.
- L. Bisol, A degeminação e a elisão no VARSUL. In: L. Bisol & C. Brescancini (orgs.). "Fonologia e variação: recortes do português brasileiro". Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 231-250. 2002.
- M. Nespôr & I. Vogel, "Prosodic phonology". Berlin: Mouton De Gruyter. 2007. Originalmente publicado em 1986 (Dordrecht: Foris).
- W. Labov, "Sociolinguistic Patterns". Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.
- W. Labov, "Principles of linguistic change". Internal factors. Cambridge, Blackwell. 1994.